



Negra e Mulher, negra mulher, mulher africana: as relações sociais, culturais e políticas de mulheres negras no Brasil e as africanas na África Austral – um olhar panorâmico

Black and women, black women, African women: the social, cultural and political relations of black women in Brazil and African women in southern Africa - a panoramic view

Dagoberto José Fonseca

Universidade Estadual Paulista “Julio de
Mesquita Filho” (UNESP)
dagobertojose@gmail.com

Simone de Loiola Ferreira Fonseca

Programa de Pós-Graduação em Ciências
Sociais (UNESP)
sferreira77@gmail.com

DOI: 10.22481/odeere.v4i8.6238

RESUMO: O Brasil e a África Austral compreendem muitas regionalidades e diversidades, bem como os tratamentos dados por essas sociedades e culturas às mulheres negras e africanas. Porém, uma questão salta aos olhos que é o fato delas estarem em condições de violências sociais, porém lutando e resistindo contra essas adversidades antigas, elaboradas por tradições e relações de poder formuladas por homens. Negra, mulher, pobre, periférica, marginalizada, desprotegida e ágrafa tem sido como o imaginário coletivo masculino e patriarcal tem concebido essas mulheres. Deste modo, suprimiu-se a condição de cidadã de direitos sociais, civis, econômicos, dona e proprietária inalienável de seu corpo e sentimentos à medida que se retirou a possibilidade delas exercerem plenamente a sua humanidade.

Palavras-chave: negra, mulher, Brasil, África Austral, africana-brasileira.

ABSTRACT: Brazil and Austral Africa comprise many regionalities and diversities, as well as the treatments given by these societies and cultures to black and African women. However, one issue jumps into the eye that is the fact that they are in conditions of social violence, but fighting and resisting these ancient adversities, elaborated by traditions and power relations formulated by men. Black, woman, poor, peripheral, marginalized, unprotected and staple has been how the male and patriarchal collective imaginary has conceived these women. Thus, the status of citizen of social rights, civil, economic, owner and inalienable owner of her body and feelings was suppressed as they withdrew the possibility of fully exercising their humanity.

Keywords: black, woman, Brazil, Southern Africa, african-brazilian.

O título desse artigo poderia ser outro, poderiam ser tantos, mas escolhemos esse por considera-lo abrangente e que possibilitaria um olhar panorâmico referente a esse público político, sujeito histórico e agente social importante na história dessas regiões do mundo, mais do que país ou continente, o Brasil e a África Austral compreendem muitas regionalidades e diversidades, bem como os tratamentos dados por essas sociedades e culturas às mulheres negras e africanas, no entanto uma questão salta aos olhos que é o fato delas estarem em condições de violências sociais, porém lutando e resistindo contra essas adversidades antigas, elaboradas por tradições e relações de poder formuladas por homens.

A maioria das mulheres negras e africanas é enxergada ou posicionada na sociedade brasileira e na África Austral nos mais de 500 anos de história escrita (social, política, econômica, psíquica e cultural) elaborada por uma gama enorme e diversa de letrados e de letradas de diferentes nacionalidades, especialmente exógenas ao continente africano, mormente o fato de serem europeus. Negra, mulher, pobre, periférica, marginalizada, desprotegida e ágrafa tem sido como o imaginário coletivo masculino e patriarcal tem concebido essas mulheres. Deste modo, suprimiu-se a condição de cidadã de direitos sociais, civis, econômicos, dona e proprietária inalienável de seu corpo e sentimentos à medida que se retirou a possibilidade delas exercerem plenamente a sua humanidade, o que implica que ela esteve e está ainda alijada de usufruir dos direitos humanos preconizados pela Declaração elaborada pela Organização das Nações Unidas em 1948.

O reflexo do hoje é que no período anterior à República, isto é no período escravista e de conquista territorial conduzida pelos portugueses no Brasil e outros europeus na América e na África, ela também foi violentada de todas as formas, sendo o seu corpo espaço e lócus de conquista, invasão e domínio pelo exercício da força bruta de pessoas (homens brancos e mulheres brancas) ou invisível e sutil de diversas instituições como as educacionais, as religiosas e as do Estado. Esse é um processo histórico-social, político-econômico e psíquico-cultural em que elas carregam diversas experiências cotidianas e antigas, e, ainda, dos inúmeros estereótipos depreciativos que foram transmitidos a partir dos imaginários racistas, classistas e machistas (Fonseca, 2016).

Muitas mulheres que inculcaram esses estereótipos e violências construíram uma autonegação de si, de sua identidade étnico-racial, sexual e social, portanto

podem portar consigo psicopatologias associadas a esse processo aventado acima. Nunca é demais afirmar que a mulher na sociedade brasileira e africana padeceu com os desmandos e o enorme poder dos homens. Corroborando com essa afirmação, Fonseca afirma:

Desde a colônia, os homens exerceram a partir das instituições e das ciências médicas um forte controle sobre a conduta, o comportamento e, sobretudo, o corpo da mulher, fosse portuguesa, africana, indígena ou afro-brasileira. O controle das instituições estatais e clericais sobre a família e, acima de tudo, da mulher e do seu corpo, particularmente ao "sul" era sistemático (Fonseca, 2016, p. 79).

Paulina Chiziane (2004) também nos auxilia nesse contexto ao informar sobre a violência masculina e o uso do poder exercido por diversos homens, seja ele marido ou pai, em sua obra "Niketché: uma história de poligamia" ao aludir a lenda da princesa Vuyazi, a princesa insubmissa estampada na lua:

Era uma vez uma princesa. Nasceu da nobreza, mas tinha o coração de pobreza. Às mulheres sempre se impôs a obrigação de obedecer aos homens. É a natureza. Esta princesa desobedecia ao pai e ao marido e só fazia o que queria. Quando o marido repreendia ela respondia. Quando lhe espancava, retribuía. Quando cozinava galinha, comia moelas e comia coxas, servia ao marido o que lhe apetecia. Quando a primeira filha fez um ano, o marido disse: vamos desmamar a menina e fazer outro filho. Ela disse que não. Queria que a filha mamasse dois anos como os rapazes, para crescer forte como ela. Recusava-se a servi-lo de joelhos e aparar-lhe os pentelhos. O marido, cansado da insubmissão, apelou à justiça do rei, pai dela. O rei, magoado, ordenou ao dragão para lhe dar um castigo. Num dia de trovão, o dragão levou-a para o céu e a estampou na lua, para dar um exemplo de castigo ao mundo inteiro. Quando a lua cresce e incha, há uma mulher que se vê no meio da lua, de trouxa à cabeça e bebé nas costas. É Vuyazi, a princesa insubmissa estampada na lua. É a Vuyazi, estátua de sal, petrificada no alto dos céus, num inferno de gelo. É por isso que as mulheres do mundo inteiro, uma vez por mês, apodrecem o corpo em chagas e ficam impuras, choram lágrimas de sangue, castigadas pela insubmissão de Vuyazi (CHIZIANE, 2004, p.157).

A violência e o controle sobre as mulheres brancas, negras, africanas e indígenas no Brasil e no continente africano, e em especial na África Austral, nunca foi igual¹, até porque elas foram inseridas no jogo político, econômico, social, cultural, psíquico e religioso dos homens de e do poder com diferentes humanidades, valores e concepções sobre si e seus corpos. Essa situação encontra-

¹ PEREIRA, Edilene Machado. A vivência de mulheres em cargos em cargos executivos em grandes empresas: uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de Raça. Araraquara: Tese, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015, pp. 256.

se expressa em diferentes obras clássicas da literatura brasileira e moçambicana, como é o caso, por exemplo, das obras de Jorge Amado², de Gilberto Freyre³, de Paulina Chiziane⁴ e de Noêmia de Sousa. Como no poema “Negra” dessa última, considerada a “mãe dos poetas moçambicanos”⁵:

NEGRA (s/d)⁶

Gentes estranhas com seus olhos cheios doutros mundos
quiseram cantar teus encantos
para elas só de mistérios profundos,
de delírios e feitiçarias...
Teus encantos profundos de Africa.

Mas não puderam.
Em seus formais e rendilhados cantos,
ausentes de emoção e sinceridade,
quedas-te longínqua, inatingível,
virgem de contactos mais fundos.
E te mascararam de esfinge de ébano, amante sensual,
jarra etrusca, exotismo tropical,
demência, atracção, crueldade,
animalidade, magia...
e não sabemos quantas outras palavras vistosas e vazias.

Em seus formais cantos rendilhados
foste tudo, negra...
menos tu.

E ainda bem.
Ainda bem que nos deixaram a nós,
do mesmo sangue, mesmos nervos, carne, alma,
sofrimento,
a glória única e sentida de te cantar
com emoção verdadeira e radical,
a glória comovida de te cantar, toda amassada,
moldada, vazada nesta sílaba imensa e luminosa: MÃE

No entanto, não se pode confundir a história das mulheres no Brasil e no continente africano, em especial na África Austral, como se fossem as mesmas e que elas sofreram violências similares, pois ao se fazer isso se encobre ideologicamente o

² **AMADO**, Jorge. Gabriela, cravo e canela. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

³ **FREYRE, G.** Casa-Grande e Senzala, Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

⁴ **CHIZIANE**, Paulina. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁵ Vale dizer que o “pai dos poetas moçambicanos” é José Craveirinha.

⁶ **SOUSA, Noêmia de.** Poema “Negra”. Disponível <<https://www.escritas.org/pt/t/7688/negra>>. Acesso: 18/12/2019.

fato de que cada grupo sócio-étnico-racial, econômico e geracional de mulheres teve diferentes e múltiplas histórias, posto que as mentalidades e disposições masculinas também as viam de maneiras diversas. O dito popular de que mulher branca era para casar, mulher mulata era para fornicar e que a mulher preta era para trabalhar denota o valor social e o imaginário construído em torno delas no período escravista e no contexto de conquista territorial imposto pelos europeus no continente africano, particularmente ao sul do Saara. Fonseca afirma que,

O investimento massivo e o controle das instituições estatais e clericais recaíam mais sobre as mulheres brancas, posto que não havia muitas condições de se fazer isso em relação às “negras”; uma, pela quantidade dessas mulheres frente às brancas; outra, pela quase não existência de famílias “negras”. O sistema escravista não previa a constituição dessas famílias na prática cotidiana; ainda, pela interpretação de que elas não seriam bons modelos de conduta moral, de comportamento civilizado e cristão para as outras mulheres; finalmente, pela compreensão de que elas eram “perdidas” cultural, sexual e teologicamente (Fonseca, 2016, p. 82).

Segundo o que se verifica a partir da afirmação de Fonseca (2016), as sociedades brasileira e africana vistas pela perspectiva daqueles que a dominavam político-economicamente e ideologicamente as tinham como mulheres perigosas para a constituição e base da família brasileira e cristã. O que denota que as relações sociais a serem estabelecidas em torno delas e com elas eram sempre postas no contexto da desconfiança, da fragilidade da honra e da personalidade dessas meninas, moças e senhoras marginalizadas.

O imaginário luso, patriarcal, machista e misógino, no período escravista, acerca das mulheres africanas e afro-brasileiras estava construído sobre vários estereótipos, mas, fundamentalmente, eles tinham seu cerne no corpo e na cor dessas mulheres, posto que se enfatizava a força que residia nesse corpo e o poder de sedução e de repulsão que a sua cor irradiava sobre homens e mulheres de origem lusa, inclusive os da Igreja e na sociedade em geral, como se demonstra em diversas obras científicas.⁷ Como se depreende do poema “Negra exportação”⁸ de

⁷ Ver **BROOKSHAW, D.** Raça e Cor na Literatura Brasileira, Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, trad. M. Kirst, 1983; **FREYRE, G.** Casa-Grande e Senzala, Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 25ª ed., 1987; **QUEIROZ JR., T.** Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira, São Paulo: Ed. Ática, Série Ensaio, Vol. 19, 1982.

⁸ Poema “Negra exportação” de Elisa Lucinda. Disponível <<http://belanegraraiz.blogspot.com/2008/05/mulata-exportao.html>>. Acesso: 17/12/2019.

Elisa Lucinda:

Mulata Exportação

(Poema de Elisa Lucinda)

Mas que nega linda
 E de olho verde ainda
 Olho de veneno e açúcar!
 Vem nega, vem ser minha desculpa
 Vem que aqui dentro ainda te cabe
 Vem ser meu álibi, minha bela conduta
 Vem, nega exportação, vem meu pão de açúcar!
 (Monto casa procê mas ninguém pode saber, entendeu
 meu dendê?)
 Minha torneira, minha história contundida
 Minha memória confundida, meu futebol, entendeu,
 meu gelol?
 Rebola bem meu bem-querer, sou seu improviso,
 seu karaokê;
 Vem nega, sem eu ter que fazer nada.. Vem sem
 ter que me mexer
 Em mim tu esqueces tarefas, favelas, senzalas,
 nada mais vai doer.
 Sinto cheiro docê, meu maculelê, vem nega, me
 ama, me colore
 Vem ser meu folclore, vem ser minha tese sobre
 nego malê.
 Vem, nega, vem me arrasar, depois te levo pra
 gente sambar.”
 Imaginem: Ouvi tudo isso sem calma e sem dor.
 Já preso esse ex-feitor, eu disse: “seu delegado...”
 E o delegado piscou.
 Falei com o juiz, o juiz se insinuou e decretou
 pequena pena
 com cela especial por ser esse branco intelectual...
 Eu disse: “Seu Juiz, não adianta! Opressão, Barbaridade,
 Genocídio
 nada disso se cura trepando com uma escura!”
 Ó minha máxima lei, deixai de asneira
 Não vai ser um branco mal resolvido
 que vai libertar uma negra:
 Esse branco ardido está fadado
 porque não é com lábia de pseudo-oprimido
 que vai aliviar seu passado.
 Olha aqui meu senhor:
 Eu me lembro da senzala
 E tu te lembrás da Casa-Grande
 e vamos juntos escrever sinceramente outra história
 Digo, repito e não minto:
 Vamos passar essa verdade a limpo
 porque não é dançando samba
 que eu te redimo ou te acredito
 “Vê se te afasta, não invista, não insista!
 Meu nojo!
 Meu engodo cultural!
 Minha lavagem de lata!

Porque deixar de ser racista, meu amor,
 não é comer uma mulata!

A vinculação da mulher com o mal, com o demoníaco, já era secularmente existente desde a antiguidade no imaginário da Europa ocidental⁹ e esse também impregnou o continente africano a partir do processo de conquista e do expansionismo da ideologia cristã na África e na América após o século XV e XVI. A misoginia sofrida pela mulher por parte dos Estados, das monarquias e nações da Europa Ocidental e, fundamentalmente, pelas Igrejas Cristãs, também fora apontada por historiadoras, teólogas e psicanalistas, como Anne Barstow (1995), Ranke-Heinemann (1996) e Sicuteri (1985), quando afirmavam que essas instituições a viam como um ser envolto em mistérios e perigos vinculados à desarticulação do poder masculino a partir de suas ligações estreitas com bestas satânicas. Era algo antigo que vinha das tradições presentes na mesopotâmia e invadiram as culturas hebraicas e europeias ao longo do tempo, como se pode observar nas obras e autores mencionados acima. Exemplo dessa perspectiva é o que informa Cristina Lerner citada por Anne Barstow: “normalmente, a feitiçaria, o último estágio do mal nos seres humanos, era sexualmente relacionada às mulheres na mesma proporção que a santidade, o último estágio do bem, era sexualmente relacionada aos homens”. (LARNER, Cristina apud BARSTOW, A. L. op. cit., p. 33).

Porém, com o escravismo e conquista territorial imposto pelas populações, grupos, nações e monarquias europeias que submeteu as populações na África e na América colocando-as na condição social de escravizados e colonizados fez com que essa mentalidade ganhasse novos contornos, se atualizasse, assim se transferisse o “mal” das mulheres brancas (europeias) para as africanas e africano-brasileiras. As africanas e africano-brasileiras se imputam o monopólio de pertencer ao mal, sendo invariavelmente, associadas(os) ao Diabo em diversos poemas, charges, ditos populares, mas, ainda de maneira mais perversa quando se utiliza de leituras meramente ideológicas do texto bíblico para se imputar ao africano e a sua

⁹ Ver **SICUTERI**, R. Lilita a Lua Negra, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985. **RANKE-HEINEMANN**, Uta. Eunucos pelo Reino de Deus – Mulheres, Sexualidade e a Igreja Católica, Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1996; **BARSTOW**, A. L. Chacina de Feitiçarias: Uma Revisão Histórica da Caça às Bruxas na Europa, Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1995.

cor uma simbologia do mal⁴, isso sendo elaborado por uma interpretação teológica, antropológica e sociológica das cores sociais, em que o branco ou uma dessas colorações mais claras ou até o opaco acabaram tendo o rótulo de divinal e angelical, vinculadas ao extremo da vida e da morte, como nos observa Chevalier&Gheerbrant (1991) no seu dicionário de símbolos. Mas, é no campo mítico-etimológico que podemos identificar que esse “branco” é uma construção social grega, destituída do sentido que se dá na atualidade até em decorrência do uso dado pela perspectiva teológica, medieval e racializada, posto que “branco” etimologicamente está associado na Grécia ao que tem voz rouca, isto é Brancos é o nome do menino que ao nascer “porque foi pelos brônquios que o sol entrou e banhou o corpo inteiro de sua mãe” (BRANDÃO, 1991, p. 163).

O fato é que ao longo de todo o sistema escravista, de conquista e de produção material e simbólica, denominado também por sua base conceitual-instrumental e ideológica de mercantilismo e colonialismo, se manteve e se calcificou a tese de que o negro e, especialmente a mulher negra no Brasil ou na África, por exemplo, estava ligada ao mal, à sujeira, à animalidade, à subserviência, mas também ao perigo e à desordem social e sexual. É com essa base cultural antiga e imaginário social de perversões e medos que as mulheres de cor negra (africanas e africano-brasileiras) foram fortemente submetidas ao desvalor social e moral, ainda com reflexos latentes no Brasil atual, bem como na África Austral. Fonseca (2016) constatou que Casa-Grande e Senzala (1987) de Gilberto Freyre e várias obras literárias e “científicas”, entre as quais se destaca a análise realizada por Brookshaw (1983) no país:

difundiram uma imagem da afro-brasileira lasciva, devota ao sexo, aos prazeres carnavais, que, às vezes, denunciavam a violência sexual contra esta mulher. Mas essas obras, no geral, apenas fizeram eclodir e/ou consolidar através de suas narrações sensacionalistas antigas e novas fantasias patriarcais e machistas, que mantiveram a “negra” ou a “mulata” no papel de animais e objetos sexuais dos violentos escravistas, criminosos de plantão à época (FONSECA, 2016, p. 73).

É, ainda, Brookshaw (1983) que afirma a partir de sua análise sobre a

⁴ Ver a maldição de Noé sobre Cam, Gênesis, Cap. 9- vers. 19-27. Bíblia Sagrada, São Paulo: Ed. Paulinas. **FONSECA, D. J.** A Piada: Discurso Sutil da Exclusão – Um Estudo do Risível no “Racismo à Brasileira”, São Paulo: PUC/SP, Dissertação de Mestrado, Programa de Ciências Sociais, 1994, p. 107-28. **BARSTOW, A. L.** *op. cit.*, p. 175-94.

produção literária brasileira que à raça e à cor são imputadas visões distorcidas da realidade, a ponto de termos uma “fusão de mito e realidade na imaginação popular (...) que cria uma evidente dicotomia entre a humanidade branca cristã e a bestialidade preta pagã”. (BROOKSHAW, 1983, p. 15). Essa visão preconceituosa, violenta e criminosa atenta contra o corpo, mas de maneira substantiva e perniciosa também a autoestima, a subjetividade, a psique desta população negra, marginalizando-a, discriminando-a em diversos espaços sociais e de poder (econômico e político), sobretudo em decorrência dela estar sendo fundamentado pelo racismo estrutural, sustentáculo dos racismos teológicos, dos racismos científicos e dos racismos institucionais, embutidos nos tecidos sociais (brasileiro e africano).

Constata-se que na base desses racismos uma enorme violação de milhões de mulheres no Brasil e na África Austral, por exemplo, mormente às mulheres negras de maneira mais dura e sistêmica, pois há nelas a partir desses racismos, ainda, as violências que estão pautadas pelo machismo, pela misoginia, pelo patriarcalismo, pelo hedonismo e que se refletem nos assassinatos – o feminicídio - e nos espancamentos e nos abandonos, resultantes de todo o esse processo social violento e violentador, mas também tradicional, como nos conta Paulina Chiziane (2004, p. 278):

Sei o que ele sofre, conheço o pensamento dos homens. Não suportam a ideia de serem abandonados. Conheço alguns que ficaram impotentes, que enlouqueceram ou ficaram alcoólicos, só por terem levado um par de chifres que nem valeu nada. As mulheres são mais fortes, superam o abandono com mais valentia. São trocadas em cada dia. Traídas. Seduzidas. Abandonadas com filhos nos braços. Compradas. Espancadas em cada dia, mas elas resistem. Suportam o licahoe e os cintos de castidade quando o homem vai para a guerra, ou para qualquer aventura. Na velhice, elas são acoitadas pelos próprios filhos, acusadas de feitiçaria. E elas rezam e agradecem a Deus por cada tormento. É por isso que elas cantam, e dançam por tudo e por nada. Quem canta, seu mal espanta.

O fato que essas violências pautadas pelos racismos ocorrem fora do ambiente doméstico, mas também no interior dele enquanto reflexo do que acontece na sociedade como um todo. De outro lado as violências pautadas pelas relações de gênero ocorrem igualmente na mesma dimensão tanto fora como dentro do espaço doméstico, o que é assustador, pois revela que as mulheres negras não têm como e quando descansar, se isolar, buscar um refúgio

que a deixe incólume das violências sócio-étnico-raciais e de gênero em uma sociedade gestada no passado e gerida no presente para continuar em um extenso futuro com essa mesma lógica de a mais de 500 anos. Tal como nos fala Paulina Chiziane quando afirma: “sou mulher e sou preta, então, tudo que faço tem que ter erros. Se não tiver, arranjam”.¹⁰

Fonseca (2016, p. 132) afirmou que

A luta pela igualdade de direitos e de oportunidades na história e em diferentes sociedades é antiga por parte das mulheres. Essa luta, porém, ganha força, expressão e visibilidade dependendo da conjuntura econômica, política e cultural de cada realidade. Na década de 1960, pela junção de diversos fatores, mas, principalmente pela expansão do capitalismo, impondo a um número maior de mulheres que se tornassem força de trabalho, substituíssem homens na produção, e, ainda, pela revolução sexual desencadeada pelas píbulas anticonceptivas disseminadas na sociedade, é que levará o feminismo europeu e norte-americano, enquanto manifestação deste amplo movimento de mulheres a se tornar em um novo ator político importante no cenário mundial, capaz de reivindicar sua cidadania plena e se mostrar, agora, como dona de seu corpo.

No entanto, o que Fonseca, não informou aqui à época é que as mulheres negras, desde o século XVI até os dias de hoje, eram e continuam a ser força de trabalho dos sistemas de expropriação de seu corpo e de suas vontades. Elas nas condições de escravizadas e mesmo livres estiveram trabalhando cotidianamente para se manterem e manterem seus filhos e companheiros quando os tinha. De modo que não são agora recentemente força de trabalho e tão pouco protagonistas das lutas sociais, elas sempre o foram na história brasileira e africana.

Muitas mulheres participaram das revoltas, das guerras, das batalhas na história brasileira, daí que algumas delas se sobressaíram e seus nomes foram tirados da invisibilidade histórica cometida pelos homens. Cito os exemplos de Luiza Mahin na revolta dos Malês em Salvador, a maior revolta urbana que esse país já assistiu; Dandara, Acotirene, Aqualtune mulheres palmarinas que ergueram o Quilombo de Palmares; de Anastácia que lutou contra a opressão machista; de Maria Felipa e Maria Quitéria que estiveram na luta pela independência do Brasil na Bahia de Todos os Santos; sem desmerecer tantas outras mulheres negras de nossa história

¹⁰ Paulina Chiziane. Disponível <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/racismo/quem-manda-aqui-paulina-chiziane-e-mais-do-que-uma-mulher-negra-escritora-de-mocambique/attachment/paulina-chiziane_mocambique/>. Acesso: 17/12/2019.

até pela extensão de nomes a referir que apenas cito, ainda, Marielle Franco que está presente em nosso presente momento como mais uma mártir da violência social que atinge as negras nesse país. Vale dizer que o mesmo também se deu na África Austral, especialmente nas históricas lutas de resistência contra a conquista de seus territórios, tais como a rainha Nzinga Mbandi do Reino de Matamba, a profetiza e líder política Kimpa Vita do Reino do Congo e Nandi (mãe de Shaka), o grande líder que unificou a etnia Zulu. Refirir essas mulheres da invisibilidade social e histórica significa alterar a cultura e a estrutura psicológica e mental das sociedades brasileira e africana, especialmente daquelas situadas na África Austral, o que significa elaborar o empoderamento político delas.

O empoderamento feminino: o processo de empoderar-se

O empoderamento da mulher passa pelo fato dela ter conseguido diagnosticar que é parte desta natureza sociocultural e deste trabalho transformador que o homem, o seu outro radical, se colocou a fazer desde a aurora dos tempos, quando conseguiu dominar o fogo e quis apagar o da mulher, colocando-a na caverna (a casa) e afugentando tudo e todos que gostariam de chegar perto de sua presa, posse naturalmente dada por outro homem – o pai dela - mediante trocas materiais e simbólicas também (Enriquez, 1990; Lévi-Strauss, 1982).

A mulher desde há milênios aprendeu a construir resistência a este universo social, político-ideológico construído pelos seus pares opostos radicais. Em casa, elas não ficaram e não ficam paradas, inertes, mortas, elas aprenderam e continuam a aprender na escola do lar a ser e a se fazer resiliente, durável e flexível ao mesmo tempo, pois mais frágil que possa aparentar aos seus filhos, vizinhos, parentes e até mesmo aos seus torturadores íntimos (pais, maridos, tios, avôs e irmãos mais velhos). Elas não são e não foram submissas, mas foram tornadas submetidas às condições sociais, políticas, econômicas e culturais dadas ideologicamente pelas feições e forças masculinas.

O poder da mulher passa pelo poder da fêmea, do feminino, se ver como um sujeito de força, de construção social do próprio protagonismo no cenário político-cultural de qualquer sociedade, isto também não é uma exclusividade da

África Austral e nem do Brasil. É, neste quadro, que o poder feminino se constrói também na sua relação com o poder da criança, o outro do adulto, do homem-pai.

Assim, o empoderamento feminino, da mulher, também passa pelo poder que vem da mãe enquanto genitora do futuro e do presente em qualquer sociedade. É imprescindível que elas tenham a ciência e a consciência de que este seu poder também modifica o conjunto de relações sociais que implicam no controle do sistema de parentesco, nas linhagens, pois são agentes-sujeitos fundamentais na construção destes sistemas, atualmente coordenados e formulados por homens de poder e sem poder, mas que se fazem poderosos na relação com estes outros - mulheres e crianças – à medida que são os donos de famílias. Veja a afirmação abaixo de Paulina Chiziane, enquanto ilustração da realidade moçambicana em “Niketche: uma história de poligamia”.

A poligamia é um sistema com regras próprias, e, nessa matéria, o sul é diferente do norte [...] - Vocês do norte, são escravos delas. Trabalham a vida inteira só para elas. Até os filhos têm apelido da mãe. Que tipo de homens vocês são? - E vocês do sul são brutos, tratam as mulheres como bichos. Alguém, neste mundo, sabe que é o verdadeiro pai dos filhos da mulher? O senhor que tanto nos insulta, tem a certeza de que os filhos que diz serem seus o são, de certeza? Na nossa terra os filhos têm o apelido da mãe, sim. Pai é dúvida, mãe é certeza. Um galo não choca ovos, nunca. É bom dar a César o que é de César. (CHIZIANE, 2004, p.207).

Assim, tratar do empoderamento da mulher é abordar uma revolução social que tem sua base na caverna a milhares de anos, como já foi exposto por Eugéne Enriquez (1990) e Roberto Sicuteri (1998), mas também por toda uma tradição oral que vem do continente africano quando aborda as inúmeras divindades das diversas etnias. Paulina Chiziane é enfática nesse sentido ao dizer:

Mulher é o eterno problema e não há como solucioná-lo. Ela é um projeto imperfeito. Toda ela é feita de curvas. Não tem sequer uma linha recta, não se endireita. É surrealista? Não. É abstracta? Também não. É gótica, isso sim. Tem arcos, abóbadas, ogivas. Ela é mole, ela é fraca, ela é teimosa como a gota de água que tanto bate até que fura. Mulher fala muito e fala de mais. Por isso ela é silêncio, é sepultura, vivendo no poço fundo, no abismo sem fim. (CHIZIANE, 2004, p.208)

Falar, pensar e atuar neste processo social é sempre difícil, pois o que está em jogo é a capacidade de um ou de outro de manipular o poder e de roubar

poder. Os homens ao longo da história foram roubando poder do feminino, desde a mais tenra idade e de modo que quando a criança chega à fase adulta já não mais se sente roubada, pois somente enxerga a natureza de um processo. Assim, se vê impotente, pois não sabe e constata erroneamente que não tem como mudar. Tomando a velha oração célebre masculina como sua – “mudar para que? Foi sempre assim mesmo e é assim mesmo”.

Daí se confunde, mas é como se entende que o poder masculino e o "não poder feminino" estão dentro de uma tradição que mantém tudo como era antes. Esta é uma falsa questão, pois as mulheres não são seres de não poder, bem como não é verdade que os homens são detentores de e do poder naturalmente dado. Nada disto é absolutamente verdadeiro.

Poligamia é o destino de tantas mulheres neste mundo desde os tempos sem memória. Conheço um povo sem poligamia: o povo macua. Este povo deixou as suas raízes e apoligamou-se por influência da religião. Islamizou-se. Os homens deste povo aproveitaram a ocasião e converteram-se de imediato. Porque poligamia é poder. Porque é bom ser patriarca e dominar. Conheço um povo com tradição poligâmica: o meu, do sul do meu país. Inspirado no papa, nos padres e nos santos, disse não à poligamia. Cristianizou-se. (...) Os homens é que defendem a terra e a cultura. As mulheres apenas preservam. No passado os homens deixaram-se vencer pelos invasores que impuseram culturas, religiões e sistemas a seu bel-prazer. Agora querem obrigar as mulheres a retificar a fraqueza dos homens. (CHIZIANE, 2004, p.92)

A tradição é inventada, reinventada, transformada tantas vezes se queira, justamente por isto que as mudanças são possíveis e elas nos fazem seres dinâmicos, com capacidade de mudar a cultura, o hábito, o comportamento de ontem, hoje. Mas, também podemos ter a capacidade de retornarmos a um passado mais distante à medida que queremos reconstruir a tradição sob os pilares e as ruínas da antiga cidade, do antigo lar e da antiga vida que se tinha nas savanas e planícies africanas, onde homens, mulheres, crianças e adolescentes caminhavam juntas, antes de um sedentarismo violentador, mas aparentemente carinhoso e protetor.

O fundamental é considerarmos que é possível fazer as mudanças, às vezes de maneira rápida, com choques e sustos, às vezes sem solavancos ou barulhos, de modo que estas mudanças que são tão sutis, são as que se fazem mais permanentes, pois poucos a notam como um processo social e político de

mudança e que nos dão uma outra utopia ou outra alternativa diante do que é hegemônico, mas nem um pouco certo.

Nisto podemos constatar que a tradição e a modernidade não são opostas, mas complementares e concorrentes, às vezes até antagônicas. É com esta base que tenhamos que dialogar também em torno deste paralelismo ou cruzamentos e elos frouxos que existem entre sexos e poderes, notadamente quando temos como parte deste cenário outras relações como saúde, doença e cura. Assim é que as doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez na infanto-adolescência também é um dado sociocultural que está conectado com o que nos foi legado e como nos legaram, enquanto cultura humana para mulheres e homens da África Austral e do Brasil após o escravismo e a conquista territorial de nossas nações, etnias e casas.

As recentes pesquisas do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA)¹¹, órgão da ONU, constataam que

Apenas metade das mulheres em todo o mundo possui emprego remunerado. Globalmente, o que é pago às mulheres corresponde a 77% do que é pago aos homens. Em todo o mundo, três em cada cinco mulheres não têm acesso à licença-maternidade. No Brasil, um em cada cinco bebês nasce de mães adolescentes. Entre elas, de cada cinco, três não trabalham nem estudam; sete em cada dez são negras e aproximadamente a metade mora na região Nordeste.¹²

Inúmeras outras pesquisas realizadas em universidades tem demonstrado o contexto de vulnerabilidade e de desigualdade sociais que atingem as mulheres, ainda na mais tenra idade, mas é na adolescência e na vida adulta que elas se colocam em grau máximo de latência, pois apontam que as jovens no mundo afora, e em especial nos países com baixo nível de desenvolvimento sócio-econômico ou de Estados novos, são as que estão vivendo uma ampla insegurança social e com poucas conquistas de seguridade alimentar, tem sido vítimas direta e indireta da violência doméstica e junto com ela com a gravidez

¹¹ Relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) - Situação da População Mundial 2017 revelam o quadro das desigualdades sociais. Disponível: <<https://nacoesunidas.org/desigualdades-ameacam-saude-e-autonomia-das-mulheres-alerta-fundo-de-populacao-da-onu/>>. Acesso: 15/12/2019.

¹² Relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) - Situação da População Mundial 2017 Disponível: <<https://nacoesunidas.org/desigualdades-ameacam-saude-e-autonomia-das-mulheres-alerta-fundo-de-populacao-da-onu/>>. Acesso: 15/12/2019.

indesejada. A tentativa de sair de casa destas “pequenas miúdas mulheres” tem impactado de maneira gritante sobre as suas vidas e de suas proles.

O que nos coloca novamente o papel de irresponsabilidade social dos homens, mas também a função política do Estado e dos governos instalados, não estranhamente estados e governos hegemonzados por homens e com pouca participação feminina e, ainda, reduzem direitos sociais dessas populações femininas, o que as impede de alterar com maior rapidez esta situação de vulnerabilidade alimentícia e de seguridade nutricional no cotidiano. Assim, uma imensa quantidade de mulheres que na ânsia de resistir, se perdem no rumo correto de como resistir e qual a direção desta resistência. Nesse sentido, a leitura viva e ativa de Paulina Chiziane as ajuda a levantarem-se como o sol no dia seguinte:

Corro para o meu espelho e desabafo. - Sonhei tanto com este momento, tudo se desmoronou, que faço agora, espelho meu? - Onde está o espírito de luta, amiga minha? Se falhou hoje, podes tentar outra vez! Obrigada, espelho meu. Perder a batalha não é perder a guerra. Amanhã será outro dia (CHIZIANE, 2004, p.48).

Neste contexto, o papel das associações de mulheres, das organizações femininas não governamentais e daquelas subordinadas às estruturas partidárias, seja no caso de Angola com as mulheres da OMA¹³ vinculadas ao MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), no caso de Moçambique com as mulheres filiadas à FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) da OMM¹⁴ e na África do Sul com a Liga das Mulheres do ANC¹⁵ deve continuar a construir a sua agenda de alteração das coisas naturalmente dadas, tais como o direito a terra, a creche, a posse da casa.

Entretanto esta agenda só poderá ser forte, consistente, responsável com o futuro delas e de suas proles, bem como de suas mães e avós se colocarem no desafio de irem para a escola, se educarem para a mudança de si e de outras. Diante disto que a educação feminina é uma necessidade não somente para a melhoria de sua qualidade de vida, mas também é uma garantia de sua liberdade, de mais igualdade e equidade de gênero, entretanto isto não significa que estejam

¹³ OMA – Organização das Mulheres de Angola.

¹⁴ OMM – Organização das Mulheres de Moçambique.

¹⁵ ANC - African National Congress – Congresso Nacional Africano.

mais protegidas das violências, mas as prepara e as potencializa para enfrentarem com maior capacidade esta situação social, sobretudo se também tiverem as condições no médio e longo prazo de alterarem a escola e o sistema educacional que é o espelho de uma sociedade violenta e violentadora de direitos sociais.

Vale salientar, enfim, que a seguridade alimentar, a qualidade nutricional e a melhoria da educação com a inserção de mais mulheres nas escolas em todos os níveis nos espaços decisórios, inclusive nas universidades e nos demais postos de poder dos diferentes países e regiões, tratadas nesse artigo, também influenciam no cotidiano dos milhões de lares não somente os da África Austral e do Brasil, gerando também mais democracia, mais igualdade, mais liberdade e possivelmente mais fraternidade ao longo do tempo, mas como o tempo é rápido a mudança não começará amanhã, mas já começou ontem.

O empoderamento da mulher na África Austral e no Brasil, isto é da maioria bantu presente no lado esquerdo e direito do Atlântico e situada às margens do Índico também tem seu vínculo íntimo com sua capacidade de conseguir sair da faixa meridional e ir para a setentrional, sem com isto expressar e viver as mesmas imposições apresentadas por aqueles que foram construídos para estar na faixa norte. Elas podem ser diferentes e fazerem diferentes destes, mas serão impelidas a repetir padrões e estereótipos destes ou daqueles naturalmente nortistas. Outro dado relevante nesta cultura política do empoderamento é a potencialização da mulher frente ao seu novo processo de descolonizar-se do seu outro, daquele que não é ela, mas que busca controla-la, submetê-la a uma lógica de não conhecimento de si. Desta forma, o empoderamento tem a haver com luta política, econômica e cultural e com liberdade psíquica e simbólica. Daí que elas enfrentam as suas lutas no interior de suas próprias casas, pois lá encontram/convivem com aqueles construídos para representar o norte, bem como com os conquistadores.

A violência doméstica em qualquer lugar e em todo lugar ocorre atingindo os mesmos – mulheres e crianças de maneira direta e objetiva. De modo que este é um problema social que não é prerrogativa exclusiva dos habitantes do continente africano e nem tão pouco da África Austral.

A violência doméstica que atinge os mais vulneráveis no lar tem se tornado uma preocupação de diversas instituições mundo afora, especialmente aquelas

que lidam com os direitos humanos, com a saúde, com a cultura, pois a manutenção deste flagelo no ambiente doméstico fere de morte o futuro sadio das sociedades, de suas economias e de sua capacidade de produzir projetos políticos em prol de todos.

Neste sentido, essa violência, como outras, também é um problema eminentemente político, portanto merece a atuação séria, coerente e responsável do Estado e das autoridades dos governos em todas as suas esferas de poder. Desta forma, torna-se um problema social e político que necessita serem estudadas, enfrentadas, de modo a se construir ações de intervenção nesta realidade também pelas instituições sociais que produzem conhecimento novo e sistêmico, isto é as universidades tem o dever moral, ético-político de estudar e intervir nestas relações socioculturais e político-econômicas. Este é o caso das universidades no Brasil e na África Austral, pois elas também são organizações de caráter social, cultural, pública e estatal.

As universidades e docentes que fogem deste enfrentamento estão fugindo, se omitindo, e mantendo esta prática social que é criminosa, que aborta crianças, mulheres e sonhos, portanto ao se eximir do bom combate o praticam indiretamente dentro e fora de seus lares, pois esquecem que ao combater hoje este crime também protegem os seus filhos, os miúdos, no futuro.

Todavia, se este é um problema que também deve ser enfrentado pela sociedade como um todo, inclusive pelas universidades, à medida que este crime está vinculado a dois fatores concorrentes, isto é que correm juntos, a saber. Em primeiro lugar o fato de que o homem tem perdido espaços sociais em todas as nações, pois deixou de se atualizar em um mundo em franca e rápida mudança. O fato de ter perdido espaço o fez perder uma identidade de provedor, de cabeça do lar, de herói, ou seja, o homem perde o seu lugar no mundo, pois perde a sua função social dada pela cultura e pela tradição inventada, mantida e hegemonizada por ele. Um homem sem função social é um homem perigoso, pois se torna ocioso sobre si mesmo e deixa de ter o poder material e simbólico que tinha antes.

A imensa maioria destes seres humanos do sexo masculino, concebidos sociocultural e psicologicamente como homens, continuam presos, ainda a ideia de que a terra é uma mesa, um tabuleiro, onde ele naturalmente fica ao norte (em

cima), enquanto a mulher fica ao sul (embaixo). Portanto, mantendo uma visão fixa, imutável de que não há movimentos no universo, não existe a translação e não existe a rotação. Logo não existe mudança alguma que seja boa. Esta é uma lógica bem masculina ou daqueles que tem o acesso ao poder. Assim, quem tenta mudar estas posições e estes movimentos está atentando contra a vida e a natureza das coisas. Esta é uma posição e um pensamento que está preso à antiguidade e ao medievalismo euro-ocidental, mas também as tradições de diversas nações e etnias africanas, como também no Brasil, o maior país da sexta região do continente africano.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. Gabriela, cravo e canela. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2008.

BARSTOW, A. L. Chacina de Feiticeiras: Uma Revisão Histórica da Caça às Bruxas na Europa, Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1995.

BRANDÃO, Junito. Dicionário mítico-etimológico. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.

BROOKSHAW, D. Raça e Cor na Literatura Brasileira, Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1983.

CHEVALIER, Jean & **GHEERBRANT**, Alain. Dicionário de símbolos. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CHIZIANE, Paulina. Disponível <https://agenciapatriciagalvao.org.br/violencia/racismo/quem-manda-aqui-paulina-chiziane-e-mais-do-que-uma-mulher-negra-escritora-de-mocambique/attachment/paulina-chiziane_mocambique/>. Acesso: 17/12/2019.

ENRIQUEZ, Eugéne. Da horda ao Estado: psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

FONSECA, Dagoberto José. A Piada: Discurso Sutil da Exclusão – Um Estudo do Risível no “Racismo à Brasileira”, São Paulo: PUC/SP, Dissertação de Mestrado, Programa de Ciências Sociais, 1994, p. 307.

FONSECA, Dagoberto José. Negros corpos (i)maculados: mulher, catolicismo e testemunho. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2016.

FREYRE, G. Casa-Grande e Senzala, Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1987.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

LUCINDA, Elisa. Poema “Negra exportação”. Disponível <<http://belanegraraiz.blogspot.com/2008/05/mulata-exportao.html>>. Acesso: 17/12/2019.

PEREIRA, Edilene Machado. A vivência de mulheres em cargos em cargos executivos em grandes empresas: uma análise interseccional das desigualdades de gênero e de Raça. Araraquara: Tese, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2015, pp. 256.

QUEIROZ JR., Teófilo. Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira, São Paulo: Ed. Ática, Série Ensaio, Vol. 19, 1982.

RANKE-HEINEMANN, Uta. Eunucos pelo Reino de Deus – Mulheres, Sexualidade e a Igreja Católica, Rio de Janeiro: Ed. Rosa dos Tempos, 1996.

Relatório do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) - Situação da População Mundial 2017 revelam o quadro das desigualdades sociais. Disponível: <<https://nacoesunidas.org/desigualdades-ameacam-saude-e-autonomia-das-mulheres-alerta-fundo-de-populacao-da-onu/>>. Acesso: 15/12/2019.

SICUTERI, Roberto. *Lilith a Lua Negra*, Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

SOUSA, Noêmia de. Poema “Negra”. Disponível <<https://www.escritas.org/pt/t/7688/negra>>. Acesso: 18/12/2019.

Dagoberto José Fonseca: Professor-pesquisador da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e Coordenador do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN) e do Laboratório de Estudos Africanos, Afro-Brasileiros e da Diversidade (LEAD) São Paulo/Brasil.

Simone de Loiola Ferraira Fonseca: Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências e Letras – Campus Araraquara, UNESP. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de financiamento 001.



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

[Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Artigo recebido para publicação em: Novembro de 2019.

Artigo aprovado para publicação em: Dezembro de 2019.